

À ESPERA DE BECKETT

ou

QUAQUAQUAQUA

de

Jorge Loureiro

PERSONAGENS

ATOR 1 (30 anos)            qua Rufino Fino, qua Francisco Mega.  
ATOR 2 (30 anos)            qua Narciso Fino, qua Mestre Santana.  
ATOR 3 (20 anos)            qua Contra-Regra Machado.  
ATOR 4 (60 anos)            qua Ponto Pinto.

ESPAÇO

Uma sala de ensaios.

TEMPO

No Teatro da Trindade, em Lisboa, no primeiro dia de ensaios da montagem de *À Espera de Godot*, em 1959; no mesmo lugar, no primeiro dia de ensaios da remontagem da mesma peça, em 1969; e em Angola, no dia da desmontagem da última r cita da peça, em 1973.

**CENA 1****1 ENTRADA DE PÚBLICO 1'38"****2 INÍCIO ESPETÁCULO 42"**

(ATOR 2 acorda no meio da plateia. Descobre que está fechado na sala de ensaios. Tenta sair pela porta. Não consegue. Entra ATOR 3, vindo da Caixa de Ponto.)

ATOR 3

(Tirando chapéus de coco de um saco e pendurando-os num bengaleiro:)

Quando o Ribeirinho fez o À Espera de Godot, em '59, no Trindade, deixou lá todos os chapéus das quatro personagens: Didi, Gogo, Lucky e Pozzo. Eu fui à procura e encontrei-os a todos. Este é do Didi, este é do Pozzo e este é o chapéu que o Ribeirinho usava. O Ribeirinho faz o Estragon. Isto em 1959. Dez anos depois, em 1969, o Lucky e o Pozzo são outros. Os chapéus são estes dois. E em 1973, quando levaram a peça para Angola, do elenco original já só restava o Ribeirinho. (Pausa.) Falta um coco... o do Lucky, de 1973. (Anota.) Mas temos o coco do Ribeirinho... Temos o coco do Ribeirinho... E temos... as botas.

ATOR 2

(Apontando outro saco.) **3 SACO 1' 08"**

E isto aqui...?

ATOR 3

Este é um monte de roupa de uns filmes dos anos 30, ou 40, não sei, um dos dois... estava perdido nos estúdios da Tóbis Portuguesa, e veio da Alemanha, ou da Espanha, ou da Polónia, não sei, um dos três... sei que arrematei por quase nada. Abrimos?

(Abrem com dificuldade o saco. Dentro estão roupas marcadas com a Estrela de David. ATOR 2, aflito, pega no saco para o esconder atrás da árvore.)

ATOR 2

Não, não, não, não, não. Isso é da guerra!

(Apressa-se a apresentar os textos.)

O texto, o texto, o texto. (Procura identificar qual é qual.) O esquema do palco e a lista de adereços, feitos pelo contra-regra... E esta é cópia do Ponto, com as marcações assinaladas... E o texto do primeiro dia de ensaios...

ATOR 4

(Entrando com um maço de textos, que distribui.)

Este é o texto do primeiro dia de ensaios.

ATOR 2

É uma cópia da que foi enviada à censura, com os cortes da censura assinalados.

(ATOR 4 e ATOR 3 assumem as suas posições. ATOR 2 tenta começar, sem sucesso.) **5 ENTRA RIBEIRINHO 30"**

ATOR 2

Embora?

ATOR 4

Não podemos.

ATOR 2

Porquê?

ATOR 4

Estamos à espera do Ribeirinho.

ATOR 2

Ah!

ATOR 4

(Suspirando.)

Vocês não sabem, mas esta peça começou a ser ensaiada com um ator a menos. No dia do primeiro ensaio de À espera de Godot, o Ribeirinho telefonou ao Costa Ferreira, à hora de almoço, a pedir-lhe para o Costa Ferreira começar o ensaio de leitura pelo Ribeirinho, que ele só podia chegar mais tarde. (Lendo.) À hora exata, como sempre, estava eu no palco do Trindade, onde só encontrei o Gusmão, que ia ler o Vladimir, e o Cortez, que ia ler o Lucky. Como o Ribeirinho era o Estragão, não havia ninguém, aparentemente, para fazer o Pozzo. Começámos a leitura, eu a ler o Estragão, no lugar do Ribeiro, e quando ele chegou já eu estava a

ler o Pozzo... e a magia do papel a agarrar todas as fibras de ator que eu possa ter. Fiquei com o papel.

#### **4 FIQUEI COM O PAPEL 8"**

(Trocamos os maços de papel, verificando de quem é o texto, até ficar cada um com o seu exemplar, aparentemente. Verificamos. Está errado. Corrigem. Verificamos. Está errado. Corrigem. Na confusão, os textos caem. Recomeçam. Verificamos. Está errado. Não fazem nada. O Ponto recolhe todas as folhas para as organizar.)

Embora? ATOR 2

Não podemos. ATOR 4

Porquê? ATOR 2

Estamos à espera do Ribeirinho. ATOR 4

Ah! ATOR 2

#### **5 ENTRA RIBEIRINHO 30"**

(Entra ATOR 1, esbaforido. O bengaleiro, onde se confundem os chapéus dos atores com os chapéus das personagens, está agora no meio da sala.)

Quem pôs isto aqui? ATOR 1

A árvore está atrasada. ATOR 3

Vamos ficar aqui à espera da árvore? O ensaio começa, meus senhores? ATOR 1

ATOR 2

O Pinto?

ATOR 3

Deve estar na caixa. Ó Piiinto!

ATOR 1

O ponto a que isto chegou.

(Tirando o bengaleiro do meio do palco)

Vamos?

ATOR 2

(Pausa. Com entusiasmo:)

Vamos.

ATOR 3

(Repondo o bengaleiro no lugar)

Isto é a árvore da peça...

ATOR 1

Esta chapelaria toda é para quê?

ATOR 2

(Aparte)

É um coqueiro.

ATOR 3

Esse é do Pozzo de '73, esse é do Lucky de '69 e esse é o chapéu do -

ATOR 1

Chapéus há muitos, seu palerma. Mas o que é que aconteceu?

ATOR 3

O que aconteceu? Nada. Não acontece nada nessa peça. E eu às vezes tenho de inventar. O que aconteceu foi que a árvore primeiro não era para ter folhas, depois já era para ter folhas, depois era para não ter folhas no primeiro ato e já ter folhas no segundo, depois não era para ter uma quantidade indeterminada de folhas mas sim uma quantidade exata de folhas, aliás, quatro ou cinco folhas, está aqui o Ponto Pinto que não me deixa mentir e foi preciso não só descobrir uma árvore, ir buscá-la ao horto, sozinho, arrancar-lhe as folhas, voltar a pôr as folhas, tirar as folhas a mais, descobrir uma maneira de isso ser feito

rapidamente na passagem do primeiro para o segundo ato. Efeitos especiais, foi o que aconteceu!

**6 FOI O QUE ACONTECEU 5"**

(ATOR 1 quase explode de fúria, mas controla-se. ATOR 3 põe o chapéu de Ribeirinho na cabeça de ATOR 1. O ensaio continua.)

ATOR 1

Entardecer. Lusco-fusco. Primeiro, o Estragon e o Vladimir chegam para esperar pelo Godot. Estragon senta-se num monte debaixo de uma árvore sem folhas e tenta tirar a bota sem sucesso.

ATOR 2

Já pensaste no que as pessoas vão pensar quanto te virem a tentar descalçar a bota? Vão pensar que é uma metáfora de tentar descalçar a bota. E vão pensar em quem? (Didático.) Em quem?...

ATOR 3

No ator que está a tentar descalçar a bota?

ATOR 1

As pessoas não ligam a metáforas!...

ATOR 2

Vão pensar no Botas. (Ninguém reage.)

ATOR 1

No Salazar?!

ATOR 2

Rebuscado, acham? Rebuscado, dizem vocês. (Ninguém.) Ponto, o que é que tu achas?

ATOR 3

Piiiinto!

ATOR 1

Olha, é só uma bota. Uma bota é uma bota, um par de botas é um par de botas. Se tu coxeasses, eras o quê, o diabo? Pára de ver coisas onde não há nada.

ATOR 2

Só digo que não é a mim que a censura vai chatear.  
Cuidado com a metáfora... E vou-te dizer mais uma coisa,  
que é: cuidado.

(ATOR 2 afasta-se, para recomeçarem.)

ATOR 4

Vais aonde?

ATOR 2

Então, para nos reencontrarmos, temos de vir de  
lugares diferentes.

ATOR 1

Mas nós estamos à espera do Ponto –

ATOR 2

Do Ponto?

ATOR 1

Do Godot!

ATOR 2

Isso é depois. Primeiro a gente encontra-se. Depois  
ficamos à espera. Encontramo-nos para esperar por ele.  
Foi o combinado. Pergunta ao Godot.

ATOR 2

Ao Godot?

ATOR 1

Ao Ponto!

(ATOR 2 sai.)

ATOR 1

Então... eu estou a tentar descalçar a metáfora...  
sozinho?

ATOR 3

(fora)

Pinto?

ATOR 2

Achavas que vivíamos juntos? Somos vagabundos. Cada um  
tem o seu buraco.



ATOR 3  
(fora)  
Ó Pinto!

ATOR 2  
Vamos.

ATOR 1  
Vamos.

ATOR 3  
(entrando)  
Não sei do Ponto.

ATOR 1  
Nunca se faz um ensaio em condições!

ATOR 3  
Eu ponto.

ATOR 2  
Tu?

ATOR 3  
Eu li o texto. (Pausa.) Todo!

ATOR 1  
Mas isto ainda vai mudar.

ATOR 2  
E gostaste? (Pausa.) Gostaste?

ATOR 3  
Achei forte.

ATOR 2  
A censura disse o quê?

ATOR 1  
Isso interessa?

ATOR 2  
Disse o quê?

ATOR 1  
Lê a parte do público, lê.  
(ATOR 1 entrega relatório)

ATOR 2

(lendo)

Repercussão sobre o público: Perante um público normal é possível que seja pateada, mas se for exibida perante um escolhido público existencialista pode ser um sucesso.

ATOR 1

Se eles tentarem deitar a peça abaixo, nós fazemos O Pai Tirano ou o Último dos Almeidas.

(Entra ATOR 4.)

ATOR 4

A censura ameaçou com corte total – por sugestivo. O censor diz que uma personagem importante não pode faltar aos encontros. Faltar aos compromissos perturba a ordem das coisas. Diz que não acontece nada, que não se percebe nada, que o interesse da peça é nenhum e que só vai ser vista por meia-dúzia de intelectuais. Eu pessoalmente –

ATOR 2

O Ponto estava aqui?

ATOR 1

Estavas aí, Pinto?

ATOR 4

Fiquei no camarim à espera. Estudo o texto na caixa, para me habituar ao espaço. Mas esta caixa... não sei... parece que há qualquer coisa que...

ATOR 3

Não encaixa?

ATOR 4

Isso! Tiraste-me as palavras da boca.

ATOR 2

(para ATOR 1)

Vais fazer esta peça para quê?

ATOR 3

(para ATOR 4)

Encaixa?

ATOR 1

(Para ATOR 2)

Não estamos todos à espera de qualquer coisa neste país?

ATOR 4

(para ATOR 3)

Encaixa.

ATOR 2

Nós é que estávamos à tua espera.

ATOR 3

Não encaixa.

ATOR 1

Eu faço para as pessoas que estão aprisionadas -

ATOR 4

Não encaixa?

ATOR 2

Os presos vão a outros teatros.

ATOR 3

Encaixa?

ATOR 1

Aprisionadas à esperança. Portugal não é uma prisão?

ATOR 4

Não encaixa.

ATOR 2

Quem vai preso ainda somos nós.

ATOR 3

Encaixa, encaixa.

ATOR 1

Não somos todos clandestinos no nosso próprio país? É o que toda a gente diz.

ATOR 2

Afinal, agora estás dado às metáforas. É para quem vive em clandestinidade, então? Achas que vão sair do esconderijo para vir ao Trindade?

Agora encaixa. ATOR 3 E ATOR 4

ATOR 2  
Eu sabia que não me devia ter deixado... encaixar neste papel... Agora estou perdido...

ATOR 4  
Para isso estou cá eu.

ATOR 2  
Não é perdido no texto.

ATOR 4  
Ah, pois.

ATOR 2  
Quem faz as outras personagens?

ATOR 1  
Eu faço o Gogo.

ATOR 4  
(lendo)  
Responde Didi.

ATOR 2  
As outras.

ATOR 4  
Responde Gogo.

ATOR 1  
Tu fazes o Didi.

ATOR 4  
Responde Didi.

ATOR 2  
Ó Pinto, para de pontar um bocadinho.

ATOR 4  
É o que diz aqui.

ATOR 2  
Está bem, mas pára.

ATOR 4  
Não é para ensaiar?

ATOR 2

Muito bem. O que é que eu faço? Eu faço o Didi. Tu fazes o Gogo. Quem é que faz o Pozzo e quem é que faz o Lucky? Logo se vê? (Pausa.) E os rapazes?

ATOR 1

Quais rapazes?

ATOR 3

Os rapazes que trazem e levam recados ao Godot.

ATOR 1

É só um.

ATOR 2

Não, são dois. Na primeira parte é o que cuida das cabras e na segunda o das ovelhas.

ATOR 3

Ao contrário.

ATOR 2

Tu agora também pontas?

ATOR 1

O mesmo ator faz os dois. Logo se vê. (Ficam à espera. Para o ATOR 3 e o ATOR 4) E o Lucky e o Pozzo fazem vocês, pronto. Por hoje.

ATOR 3

O que é que eu digo?

ATOR 4

O que é que ele diz?

ATOR 1

O Lucky faz o Machado e o Pozzo faz o Ponto.

ATOR 2

Ponto?

ATOR 4

Pronto.

ATOR 1

Pronto.

ATOR 2

E quem faz o Ponto?

ATOR 1

O Ponto faz o Ponto, quando não faz o Pozzo.

ATOR 2

Não era melhor um fazer o Lucky e o outro o Pozzo?

ATOR 1

Tanto faz. Pode ser. Logo se vê. Começamos?

(ATOR 1 distribui os papéis. )

Entardecer. Lusco-fusco -

ATOR 1

Outra vez? Estamos no primeiro ato, primeira folha. Só pegas nas botas no segundo ato.

ATOR 3

Junto à Ribalta, as botas de Estragon estão com os tacões unidos e as biqueiras afastadas.

ATOR 1

Primeiro ato, primeira folha. Estragon está a tentar descalçar.

ATOR 2

Estamos à espera de -.

ATOR 4

Dada a existência, tal como exposta nos recentes trabalhos públicos de Poinçon e de Wattman, de um Deus pessoal quaquaquaquá -

ATOR 2

Estamos à espera de -.

ATOR 1

Primeiro ato, primeira folha. Vocês só entram daqui a muitas folhas.

ATOR 3

A árvore está coberta de folhas.

ATOR 1

Tu fazes o Pozzo e tu fazes o Lucky.

ATOR 3

O chapéu do Lucky encontra-se no chão, no mesmo sítio do ato anterior.

ATOR 2

Estamos à espera de -.

ATOR 1

De Godot! (ATOR 1 quase explode de fúria, mas controla-se.) Vamos passar à frente! Para a vossa cena! Vladimir e Estragon correm e agacham-se quando ouvem um grito. Lucky chega, carregado de coisas. Atrás vem Pozzo, que traz Lucky preso numa corda.

ATOR 1, ATOR 2

(Pontam.)

Grita. Grita.

(Gritam.)

Grita!

ATOR 3

(Entrando e gritando.)

Em que página é que vocês estão?!

ATOR 1

Quantas vezes tenho de repetir que é para numerar as páginas?

ATOR 3

E estão numeradas. 53, 59, 69, 73...

ATOR 2

73! Confere.

ATOR 3

Eu vi o Ponto a numerar as páginas!

ATOR 1

É que não adianta.

ATOR 2

Pois!

ATOR 3

Pois...

ATOR 1

Pois.

ATOR 2

O ponto?

ATOR 1  
Em que ponto estamos?

ATOR 3  
Somos nós.

ATOR 2  
Não. Primeiro somos nós.

ATOR 3  
Não. É para entrar quando ele diz Godot.

ATOR 1  
No primeiro Godot?

ATOR 2  
No segundo Godot.

ATOR 3  
O meu Godot.

ATOR 2  
Entra.

ATOR 3  
Não é a minha vez.

ATOR 2  
Não era o teu Godot?

ATOR 1  
Onde é que estamos?

ATOR 2  
Pára, pára, pára, pára tudo. O ponto?

ATOR 1  
As cenas parecem todas iguais.

ATOR 3  
(para a Caixa de Ponto)  
Ponto. (Pausa.) Ponto.

ATOR 2  
(na Caixa de Ponto)  
Ponto.

ATOR 1  
Ó Pinto!



ATOR 2

Acorda, pá!

ATOR 4

(Voz vinda da Caixa de Ponto)

**PONTO 1** Onde é que estamos?

ATOR 1

Nós íamos em... "Estamos à espera de Godot..."

ATOR 4

**PONTO 2** Qual?

ATOR 1

Isso pergunto eu! Vem o quê a seguir?

ATOR 4

**PONTO 3** Senhor Francisco, sabe quantos "Estamos à espera de Godot" tem a peça? Só neste segundo ato são oito. Oito!

ATOR 1

E tu adormeces, pá?

ATOR 4

**PONTO 4** Não acontece nada nesta peça! Duas vezes!

ATOR 1

Temos de ter uma conversa, Pinto.

ATOR 3

(Com ATOR 2.)

O que é que te apetece?

ATOR 2

Sei lá. Talvez uns pastelinhos de camarão.

ATOR 3

Vamos nisso.

ATOR 1

Pronto.

ATOR 2

Pronto!

ATOR 3

Pronto...

ATOR 1

Vamos ali.

ATOR 4

**PONTO 5** Vamos.

(Não se mexe.)

ATOR 1

Anda, pá! Ou 'tás à espera da morte da bezerra... d' oiro?

ATOR 4

**PONTO 6** Estou a ir.

ATOR 3

(Com ATOR 2.)

Pastéis de camarão não temos.

ATOR 2

Então dê-me dois copinhos de vinho branco.

ATOR 1

Por onde hei de começar...?

ATOR 4

**PONTO 7** Pinto...

ATOR 1

Pinto, o teu pai foi nosso ponto anos a fio. O teu pai fez a reabertura do Nacional. O teu pai está imortalizado no Pai Tirano. E tu crescestes com isto. O que é que se passa, pá?

ATOR 4

**PONTO 8** Não sei. É esta peça... Está sempre a repetir-se, eu perco o fio à meada.

ATOR 1

Por isso é que ainda precisamos mais de ti.

ATOR 4

**PONTO 9** Precisam?

ATOR 1

Então tu não vês? Quantos "Estamos à espera de Godot" há na peça? Só neste segundo ato são oito! Oito blocos que terminam com a mesma frase, tu é que disseste! A cada uma dessas deixas, a cada "Estamos à espera de Godot", nós podemos ir por um lado ou podemos ir por

outro, para qualquer um dos blocos seguintes. Estou na segunda deixa, salto duas ou três e vou logo para a número oito, antes do bloco final. E se isto acontece? Se a peça acaba mais cedo? É isso que tu queres? Depois tenho de voltar atrás, fazer as outras, e sabe-se lá onde vou parar a seguir.

ATOR 4

**PONTO 10** Oh, se as fizerem todas as oito não importa a ordem, ninguém dá pela diferença. A única coisa que muda são as folhinhas na árvore, e é do primeiro para o segundo ato.

ATOR 1

Se tu não estás lá acabamos a fazer uma peça diferente todos os dias. Já pensaste quantas combinações possíveis há?

ATOR 4

**PONTO 11** Já! Eu aprendi matemática no Liceu! Vocês sabem isso de cor e salteado... Sinto-me inútil...

(Entra.)

ATOR 3

(Com ATOR 2.)

Agora, o que é que vai a seguir?

ATOR 2

Agora iam uns croquetezinhos de vitela.

ATOR 3

Vamos nisso.

ATOR 1

O teatro agora é assim, Pinto. A gente decora. É o hábito. Queres passar a tua vida a fazer O Pai Tirano ou o Último dos Almeidas?

ATOR 4

Credo, não!

ATOR 1

Então...

ATOR 3

(Com ATOR 2.)

Croquetes não temos.

ATOR 2

Então dê-me dois copinhos de vinho branco.

ATOR 4

Eu assim já nem distingo o ator da personagem... Faz-me confusão. Os atores são as personagens? Quer dizer... Como é que eles decoram? Não têm vida própria? Fora daqui passam o tempo a decorar? Ou inventam? Deixa de haver personagens? Deixa de haver texto? Fazem de eles mesmos? É isso? Morte às personagens?

ATOR 3

(Com ATOR 2.)

Não queres mais nada?

ATOR 2

Não. Só se forem uns pastéis de Belém.

ATOR 4

Então é isso!

(Com ATOR 3 e ATOR 2.)

Morte às personagens!

(Brindam.)

ATOR 4

É muito confuso, para mim. Não percebo nada disto...

(Começando a arrumar as coisas)

Esta é bem possível que seja a minha última peça. E eu sempre pensei que na minha última peça, ia ter uma despedida condigna. Que me chamavam à cena, como fizeram à Souffleuse número 1 do Teatro Nacional de Chaillot...

ATOR 1

Bom... Está bem... Já te percebi. Queres ganhar mais. É isso, Pinto? Então, Pinto... Esta é uma peça de teatro moderno. Tens de arriscar. Agora, se estás com esses problemas todos...

ATOR 4

Já sei o que vai dizer: que em Paris...

ATOR 1

Em Paris já ninguém usa pinto!

ATOR 4

Ponto.

ATOR 1

Ponto, desculpa, enganei-me!

ATOR 4

Em Paris...

ATOR 1

Em Paris já ninguém usa ponto. A última souffleuse do Teatro Nacional de Chaillot acabou de ser homenageada numa despedida linda, cheia de discricção, singela, quase não se deu por nada, ela vai entregar-se nos braços do anonimato, para sempre... como é vocação de um ponto. Agora, tu, interromperes-me os ensaios, assim, constantemente, por causa de... por causa de... tu queres o protagonismo, é isso? Eu posso escrever-te um papel, está decidido, pronto, ponto... pronto, pinto, pronto! Vais fazer o papel de Ponto!

E nesta?

Fazes de Godot!

ATOR 4

De Godot? Ele nem aparece!

ATOR 1

Não sei mais que te diga.

ATOR 4

O teatro...

ATOR 1

O teatro agora é assim.

ATOR 4

Esta peça...

ATOR 1

Esta peça é o futuro do drama.

ATOR 4

Os atores...

ATOR 1

Os atores decoram o texto.

ATOR 4

Mas eles decoram mesmo?

ATOR 1

Decoram.

ATOR 4

Sem se perder?

ATOR 1

Para isso precisamos de ti.

ATOR 4

Não sei...

ATOR 1

Se não queres ficar...

ATOR 4

E eu vou trabalhar com...?

ATOR 1

Vais trabalhar... Não sei... diz-me tu. Deixas o teatro... Ou então, faz o teu trabalho de ponto como deve ser! Não és um ponto? Não és um ponto, filho de um ponto, neto de um ponto – todos pontos do Teatro Nacional?!

ATOR 4

Eu fico. Não desisto. Vou continuar. No teatro. É a minha vida. Assustaram-me... Mas eu sabia que não passavam sem mim... Cresci aqui, fui embalado nestas tábuas. Fazer teatro sem ponto, onde é que isso já se viu? Seria o mesmo – seria o mesmo que – eu fazer teatro sem atores!

ATOR 1

Isso... O mundo é um grande palco... E os homens e as mulheres são atores... Têm as suas entradas e saídas... E um homem tem na vida várias partes... Mas só há o elenco? Onde está o ponto nesta metáfora? Está fora da metáfora? Não! Se o mundo é um palco, os homens e as mulheres são pontos. Pontos uns dos outros!

(Retomando:)

Em que Godot é que estávamos? **7 EM QUE GODOT É QUE ESTÁVAMOS 27"**

**8 INICIO ATO II 49"**

(Escuro. Luz ténue. ATOR 4 e ATOR 3 ensaiam a primeira entrada de Pozzo e Lucky em À espera de Godot. Silêncio. Escuro.)

**CENA 2****9 RÁDIO 1 SINTONIZAR 1'08"**

(Notícias da época, discursos, música, etc. ATOR 1, ATOR 2 e ATOR 4 aguardam. Chega ATOR 3, que traz um maço de jornais.)

ATOR 3

Os jornais de 59.

ATOR 2

Ó... Não tens mais jornais?

ATOR 3

Tenho o jornal de hoje, senhor...

ATOR 2

Não te lembras do meu nome?

ATOR 3

Não...

ATOR 2

Não te lembras, há dez anos...? Eras muito miúdo, mas... Não te lembras?

ATOR 3

Não, senhor.

ATOR 2

Tu não és o Machado? Sou eu, não te lembras?

ATOR 3

Há dez anos não era eu, senhor...

ATOR 2

Ah, não? Então quem era, o teu irmão gémeo?

ATOR 3

Era, senhor... Era o meu irmão.

ATOR 2

E onde é que ele está?

ATOR 3

Foi para a Guiné.



ATOR 2  
Ah.

ATOR 3  
Para Angola.

ATOR 2  
Ah, sim?

ATOR 3  
Para Moçambique. É um dos dois. Não sei.

ATOR 2  
Então, não tens mais jornais velhos?

ATOR 3  
Só o de hoje, senhor...

ATOR 2  
E o de amanhã?

ATOR 3  
Talvez amanhã.  
(Passa os jornais a ATOR 1)

ATOR 1  
Obrigado.  
(ATOR 1 faz recortes e passa o resto de cada jornal ao ATOR 4, que os passa ao ATOR 2, que os usa para improvisar meias-solas, por causa do frio.)

ATOR 4  
Prenderam uma data deles em Angola... Prenderam uma data deles na Sé de Lisboa. O Humberto Delgado pediu asilo na embaixada...

ATOR 2  
Do Brasil.

ATOR 4  
O Henrique Galvão na embaixada...

ATOR 2  
Da Argentina.

ATOR 4  
O Manuel Serra na embaixada...

ATOR 2

De Cuba.

ATOR 1

E nós aqui.

ATOR 2

Essas gordas... nunca saíram, mas deviam ter saído.

ATOR 1

Estamos a ler as críticas da montagem de '59.

ATOR 4

Eu não, eu estou a ler as minhas gordas de '59, como se vê.

ATOR 1

Ainda estão frescas...?

ATOR 4

Agora as páginas do internacional.

ATOR 2

Revolução em Cuba!

ATOR 4

Cultura:

ATOR 2

O Cristo-Rei está acabado.

ATOR 4

Maria Callas no São Carlos.

ATOR 2

Nesse dia, eu estive no largo de São Carlos, e no fim deixaram-me entrar para assistir às ovações. Não perdi pitada.

ATOR 1

Encontrei! Diz o Jorge de Sena, em abril de 1959: "A criação cénica mais poderosa que em Portugal (...) em muitos anos se tem realizado." Estás a ver, Pinto, porque é que estamos a fazer isto outra vez, dez anos depois?

ATOR 4

Jorge de Sena foi para...

ATOR 2

o Brasil.

ATOR 4

Francisco Ribeiro foi agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Santiago da Espada pelo Presidente da República.

ATOR 1

(Interrompendo)

"A pungência devia vir por acréscimo e não estar nelas – as personagens – que, na sua degradação, nem pungentes deveriam ser.

ATOR 2

(Continuando a leitura)

"Para este senão (se o é) terá contribuído o texto da tradução, que é fiel mas não exata (não sei se por ação do tradutor se por ligeiro arranjo do encenador, para dar um pouco de carne à portuguesa àquele esqueleto)."

ATOR 1

As críticas de ontem não valem nada. Valem as que vão sair amanhã.

ATOR 2

Fundamental!

(para ATOR 3)

Já tens o jornal?

ATOR 3

(entregando)

Só o de amanhã.

ATOR 2

(Lendo o jornal.)

O homem na lua. Quem é que acredita? É filmes. A terra é azul, fiz o Gagarin. Mas eu não. Digo que a terra é verde. Em 2001, quando os motoristas não souberem os caminhos, os próprios automóveis vão falar, com vozes pré-gravadas, e receber ordens via rádio, de satélites artificiais que medem as coordenadas, a dizer aos motoristas por onde devem ir.

(Descobre uma notícia em que não acredita. Devolve o jornal.)

Isto é um jornal de cena? Dá-me o jornal a sério.

ATOR 3

(Devolve o jornal.)

É o jornal a sério.

ATOR 2

Ele está em Portugal, já leram? É um facto. Só se veio visitar o Botas depois da queda da cadeira.

ATOR 3

Ou então foi ele quem serrou os pés da cadeira.

ATOR 2

(lendo)

Tal como no Natal e fim de ano de 1966, o famoso escritor irlandês Samuel Beckett, prémio Nobel, visita o nosso país, chegando ao continente depois de uma estadia no Funchal e em Porto Santo, hospedando-se no Hotel Cidadela, desde meados de Fevereiro e até início... de Março?

ATOR 1

(tirando o jornal das mãos do ATOR 2)

Que jornal é esse?

ATOR 4

Podíamos chamá-lo.

ATOR 3

O autor que faça de ponto!

ATOR 1

Ele já escreveu, achas pouco?

ATOR 4

Na verdade, eu escrevi-lhe.

ATOR 2

A dizer o quê?

ATOR 1

Para vir?

ATOR 4

A convidar.

ATOR 2

E vem?

ATOR 3  
Onde?

ATOR 4  
A souffleuse deu-me a morada

ATOR 2  
Quando?

ATOR 3  
Para quê?

ATOR 4  
Já tinha escrito há dez anos, em 1959. Eu queria saber mais coisas sobre o Godot. E porque é que ele não vinha. Como ele está em Portugal, pensei em convidá-lo para -

ATOR 2  
Para vir ver um ensaio!

ATOR 1  
Dia seguinte. -

ATOR 4  
Não lhe quer dar uma palavrinha, antes do ensaio? Se ele sabe o que quer fazer ao texto, não autoriza a montagem.

ATOR 1  
Não sou só eu, pois não?!

ATOR 4  
Vocês!

ATOR 2  
Nós, não. A censura.

ATOR 1  
Há coisas que as pessoas não entendem se não escrevermos um bocadinho mais do que o autor escreveu! E às vezes o sentido literal não se usa! Entre o francês e o inglês, folgam as costas.

ATOR 3  
Ele nem repara.

ATOR 2  
O facto é que está convidado.

ATOR 3

Desconvida.

ATOR 2

Mas porque é que não explicamos que a censura nos ponta? O maior problema é a auto-censura. Cada um de nós tem um censor imaginário sobre a mesa de trabalho, sempre com aquela obsessão: eles deixarão passar isto?

ATOR 1

Se ele vier arranjam uma desculpa, dizemos que foi confusão do Ponto, que não era para ele, que era para outro. Que montámos a peça há dez anos atrás, nada mudou desde então, não se pode fazer nada, razão para fazer a esta peça outra vez não há. E mostramos um pedaço de outra peça qualquer.

ATOR 2

Qual?

ATOR 1

Qualquer. Isso agora não interessa. O rei Lear?

ATOR 4

O Rei Lear com dois atores?

ATOR 1

(olha para o público)

E eles?

ATOR 3

Eles conseguem, com ajuda.

ATOR 1

Fazemos o Huis Clos.

ATOR 2

Huis quê?

ATOR 1

A peça do Sartre. Entre quatro paredes.

ATOR 2

São três.

ATOR 1

Com o Machado.

ATOR 2  
Atores ou paredes?

ATOR 3  
O que é que eu digo?

ATOR 4  
E eu faço o quê?

ATOR 1  
Tu nem pias, pinto. Quando ele chegar, recebe-lo com educação, nós nem nos mexemos, como se estivéssemos muito concentrados. Muito bom dia, Sr. Beckett.

ATOR 4  
Em francês ou inglês?

ATOR 1  
Muito bom dia, Sr. Beckett. Repete.

ATOR 4  
Bonjour, monsieur Beckett.

ATOR 2  
Good morning, mister Beckett.

ATOR 1  
E senta-lo exatamente aí.

ATOR 2  
E nós começamos.

ATOR 1  
E fingimos que não se passa nada.

ATOR 3  
Como é a cara dele?

**10 BATEM À PORTA 1 12"**

(Batem à porta.)

ATOR 1  
Façam como combinado. Bom dia, Sr. Beckett.

ATOR 4  
Bom dia. Bonjour. Good Morning.

(Os outros repetem.)

É um salgueiro.

ATOR 3, VOLTANDO

Quem?

ATOR 2

A árvore. Um salgueiro-chorão.

ATOR 1

Não é o autor, é o cenário.

ATOR 4

Temos duas árvores?

ATOR 2

Está mais para arbusto...

ATOR 3

É um salgueiro-chorão!

ATOR 1  
(pegando na árvore como se fosse um  
bebé)

É esta a famosa árvore?... Não vejo qual é a diferença  
entre esta e a que eu trouxe.

ATOR 3

Esta tem mais dez anos. Era a árvore da praça em  
frente, que estava para abater. Pedi ao engenheiro e  
funcionários.

ATOR 4

Montamos a árvore?

ATOR 2

Montamos.

ATOR 3

**11 SACO 2 1'08"**

Isto ainda está aqui?

ATOR 2

O que é isto?

ATOR 3

Não te lembras deste saco?

ATOR 2



ATOR 3

Não...

ATOR 2

Não te lembras, há dez anos...? Eras muito miúdo, mas... Não te lembras? A roupa, dos anos 40, da Alemanha, ou de Angola, ou da Argentina, não sei, um dos três... que arremataste por quase nada. Da guerra!

ATOR 3

Há dez anos não era eu, senhor...

ATOR 2

Ah, não? Então quem era, o teu irmão gémeo?

ATOR 3

Era, senhor... Era o meu irmão.

E onde é que ele está?

Foi para a Guiné, para a Angola, para...

(Esconde o saco.)

ATOR 2

Esta sim!

ATOR 4

Esta é que é uma árvore.

ATOR 3

Esta é que é a árvore de 1959?..

**12 BATEM À PORTA 1 12"**

(Batem à porta.)

ATOR 2

É agora?

ATOR 1

É agora.

ATOR 2

Bom dia, Sr. Beckett.

ATOR 4

Bom dia.

ATOR 3, VOLTANDO  
Era o carteiro. Traz uma carta. Do Sr. Beckett.

ATOR 1  
Dá cá.

ATOR 4  
É para mim.

ATOR 1  
Então lê.

ATOR 3  
Já estava aberta.

ATOR 2  
Foi a PIDE.

ATOR 3  
Foi o carteiro.

ATOR 4  
Foi o carteiro?

ATOR 2  
Gosta de Beckett.

ATOR 1  
Lê!

(Parece ler em silêncio.)

ATOR 3  
Está em inglês.

ATOR 2  
E não lê?

ATOR 3  
Não consegui perceber à primeira se era em inglês ou francês.

ATOR 4  
Vem ou não vem?

ATOR 3  
Diz que vem.

Diz que vem? ATOR 2

Diz que sim. ATOR 3

Sim, sim. ATOR 4

Pinto? ATOR 2

Ponto? ATOR 1

Vem. ATOR 4

Vem? ATOR 2

Vem, vem. ATOR 4

Quando? ATOR 2

Amanhã. ATOR 4

Deus tenha piedade de mim! ATOR 1

E de mim, de mim! ATOR 4

E se falharmos? ATOR 2

Tentamos mais e melhor. ATOR 1

Falhamos mais e melhor. ATOR 2

Pronto! Então temos esta noite para ensaiar o texto tal e qual. ATOR 1

(Vai à boca de cena e dirige-se ao público.)

Meus senhores, por favor... Nós vamos ter de ensaiar tudo esta noite, para ficar pronto para amanhã. Vamos ter de ficar aqui fechados. O primeiro ato está feito, mas o segundo... Precisa de uns ajustes. Na verdade, é só a última parte que ainda temos de... Precisamos da ajuda de todos. Queríamos pedir-vos que fizessem o público. Podem ajeitar-se nas cadeiras, um ou dois podem tossir de vez em quando, não mais que 4 ou 5 vezes. É preciso que alguém fale baixinho para o vizinho... mexendo a cabeça para atrapalhar quem está a trás... Podem olhar para o relógio, por favor? O senhor pode bocejar? Alguém trouxe rebuçados? Não se preocupem, não têm de improvisar, o ponto vai guiar-vos. Se o telefone tocar, atendam e digam: "Não posso falar, estou no teatro."

(Vai para trás.)

Dia seguinte. O Estragon e o Vladimir chegam outra vez para esperar pelo Godot. Vladimir chega – e examina a árvore, que tem agora quatro ou cinco folhas, e as botas abandonadas de Estragon.

ATOR 4

(Chamando ATOR 3 à parte.)

Na verdade, eu não lhe escrevi.

ATOR 3

Mas... nesse caso, como é que ele respondeu?

ATOR 4

Escrevi, mas não escrevi.

ATOR 3

Escreveste ou não escreveste?

ATOR 4

Escrevi, mas não pus a carta no correio.

ATOR 3

Onde é que deixaste a carta?

ATOR 4

Deixei a carta na caixa. E agora não sei dela.

ATOR 3

Por isso é que não encaixava.

ATOR 4

Foi depois disso.

ATOR 3

Mas porque é que lhe escreveu?

ATOR 4

É tradição dos pontos corresponderem-se com os autores. Da primeira vez, queria saber quem era o Godot. Da segunda... Quer dizer... Uma peça em que não acontece nada, causar tanta comoção... achei que valia a pena falar-lhe. Escrevi-lhe a contar da pateada.

ATOR 3

Na verdade, eu pus a carta no correio.

ATOR 4

Quanto pagaste de selo?

ATOR 3

Foi à cobrança.

ATOR 4

E ele respondeu?

ATOR 3

Lê.

ATOR 4

Está em inglês.

ATOR 3

Como é que sabes?

ATOR 4

Ou em francês.

ATOR 3

Vês? Nem uma nem outra, está em irlandês.

ATOR 4

Lê.

ATOR 3

Ele ficou muito surpreendido e nada agradado. Não gostou nem dos gritos contra nem dos gritos a favor. Mas o que mais lhe desagradou foi saber do discurso do Mr. Francisco a convencer toda a gente a deixar continuar a peça. Isso não estava escrito. E, enfim,

também não gostou nada de saber que o Pozzo ficou dez minutos imobilizado com o chicote na mão erguido no ar.

ATOR 4

Não foi isso que ele escreveu, de todo.

ATOR 1

Vamos fazer como ele escreveu.

ATOR 4

Em francês ou em inglês?

ATOR 1

Vamos fazer como está na tradução.

ATOR 1

Meus senhores, vamos fazer isto de maneira a que não haja pateada nenhuma! Nós já estávamos à espera, o Costa Ferreira até pediu à mãe para ficar no camarim, ela que assistia a todas as estreias sempre na primeira fila, naquele dia estavam lá os ultras, a direita mais conservadora e... E eles só começaram a patear, porque houve uma ovação primeiro. Se nós fizermos isto, digamos, nem bem nem mal, não haverá ovação, logo não haverá pateada, e estamos safos. Vamos? Dia seguinte. O Estragon e o Vladimir chegam outra vez para esperar pelo Godot. Vladimir chega e examina a árvore, que tem agora quatro ou cinco folhas, e as botas abandonadas de Estragon.

ATOR 1

Mas isto afinal está em francês! Quanto mais depressa, mais devagar.

ATOR 2

Em francês? Ah, pois está... Eu leio! Avril au Portugal... Diz que não tem nada a dizer sobre a sua obra, que se soubesse quem era o Godot, tinha escrito. Diz que soube da ovação e da pateada e que gostava muito de saber como conseguimos. Vem para ver e espera que aconteça o mesmo.

ATOR 1

Já sei, ensaiamos a pateada com eles.

ATOR 2

Eles?

ATOR 1  
Eu digo: "Deixem-nos lá acabar". Vocês dizem coisas como "decadente", etc. Uns têm de aplaudir freneticamente. Outros, insultem-nos. O ponto bufa. Pinto! Bufo tu.

ATOR 2  
Bufo o quê?

ATOR 1  
Insultos!

ATOR 2  
Ao público?

ATOR 1  
Bufas insultos ao público para o público nos insultar a nós!

ATOR 2  
Bufo?

ATOR 1  
Bufo.

ATOR 2  
Bufo.

ATOR 1  
Não. Não bufes bu...

ATOR 2  
Não bufo bu...?

ATOR 1  
Bufas, mas não bufas bu...

ATOR 2  
Burguês?

ATOR 1  
Não! Nem bu... nem bu...

ATOR 2  
Burro!

ATOR 1  
Burro.

Vermelho!	ATOR 2
Vermelho?	ATOR 1
Encarnado?	ATOR 2
Encarnado.	ATOR 1
Encarnado!	ATOR 2
Isso.	ATOR 1
Preto!	ATOR 2
Preto?	ATOR 1
Negro!	ATOR 2
Negro...	ATOR 1
Branco?	ATOR 2
Não, cores, não. Animais! Burro.	ATOR 1
Burro.	ATOR 2
Isso. Porco.	ATOR 1
Porco fascista?	ATOR 2
Porco...	ATOR 1



ATOR 2

Porco!... Urso. Camelo. Cavalo. Anta. Cabrão. Cão. Rato.  
Animal de pêlo! (Pausa.) Foi tudo para fora.

ATOR 1

Vamos! Dia seguinte. O Estragon e o Vladimir chegam  
outra vez para esperar pelo Godot.

ATOR 2

Samedi. Sábado. Saturday. Amanhã... Foi ontem.

ATOR 1

Tu não sabes a quantas andas. Ontem foi domingo.

ATOR 2

Pois. Sábado, domingo, segunda.

ATOR 1

E veio?

ATOR 2

Não diz. Ó Pinto!

ATOR 1

Senhores e senhores, ontem, domingo, foi o dia do  
senhor Beckett nos visitar. Entramos na era depois de  
Beckett.

ATOR 4

Sr. Francisco, acabo de receber um recado de ontem do  
Sr. Beckett. Diz que não pôde vir, mas vem.

ATOR 1

Quando?

ATOR 4

Aqui diz amanhã.

ATOR 1 E ATOR 2

Amanhã... É hoje!

### **13 AMANHÃ É HOJE 18"**

(Escuro. Luz ténue. ATOR 4 e ATOR 3  
ensaíam a primeira entrada de Pozzo e  
Lucky em À espera de Godot, invertendo  
os papéis. Silêncio. Escuro.

### **14 PASSAGEM DO II PARA O III ATO 1'23"**

Notícias da época, discursos, música,  
etc.)

**CENA 3****15 RÁDIO 2 1'08"**

(Cena do candeeiro.)

**11 SACO 2 1'08"**

(Desmontagem. ATOR 1 está a uma mesa a escrever. ATOR 3 leva tudo aos poucos.)

ATOR 4

Vocês não sabem, mas eu comecei a fazer de ponto na minha aldeia, em criança. Na minha paróquia, eu bufava a missa ao padre. Ele no fim deixava-me comer o resto das hóstias. Cantava-lhe a missa toda. O padre podia não se lembrar da missa, mas se eu dissesse uma coisa muito ao lado, ele dava por ela. Era o acólito e o alcoólico. Nunca bebo nos dias de espetáculo.

ATOR 2

(Para ATOR 3)

Conseguiste encontrar o teu irmão?

ATOR 3

Consegui.

ATOR 2

E onde é que ele está?

ATOR 3

Já está no navio.

ATOR 2

Vocês são mesmo iguais?

ATOR 3

Somos parecidos.

ATOR 2

Quero vê-lo!

ATOR 3

Não podes. Ele vai no porão.

ATOR 2

Os militares vão no porão? Tens a certeza?

ATOR 3

Ele vai numa caixa.

ATOR 2

Ah.

ATOR 4

Eu tive um convite antes de irmos para África. Para a Televisão. Já meti os papeis, foi aprovado, só ainda não fui lá porque vínhamos a Angola. Eu gostei de Angola... mas há qualquer coisa que não encaixa. A TV tem teatro em direto e eu já fiz algumas vezes... Na TV os atores incorporaram o ponto: fazem sempre o mesmo. Mas não é só isso. Quando não se lembram, grava-se de novo. Param, repetem e gravam. Eles gravam como o ponto diz. O ponto é o principal. (Pausa.) A questão não é eu ser necessário: é o texto ser dito tal e qual, as coisas correrem como previsto. Ninguém pode mijar fora do texto. As partes mais difíceis podem correr mal. As coisas estão sempre a mudar. É preciso alguém que ponte. (Pausa.) Eu vou fazer de ponto nas conversas em família do Presidente do Conselho... (Pausa.) O professor Marcelo Caetano. (Pausa.) Já está.

(Vai para sair quando é parado pelo  
ATOR 4)

ATOR 2

(Para ATOR 4)

Sabes que me vieram convidar no fim do espectáculo? Eu queria falar contigo. — Diz-me ele. E eu: — Então fala. E ele: — Tu não achas que o ideal é uma pessoa aliar-se a um partido de massas? — E eu... nada. — Tu se calhar devias falar com alguém que tivesse ligações ao partido. — Eu? — Tu não aderias? — Remata ele. (Pausa) E desde então estou sempre a pensar nisso... que se calhar... Se calhar, olha, devíamos desviar o navio, no regresso, como fizeram ao Santa Maria, mas desta vez íamos direto ao Terreiro do Paço, desembarcávamos no Cais das Colunas... O navio não vai cheio de homens que estão fartos da guerra?

ATOR 4

O navio entra pela Praça do Comércio adentro?

**16 RÁDIO 3 1'08"**

ATOR 1

Óculos. Já está?

ATOR 4

Esta peça não tem nada, não há nada para desmontar.

ATOR 1

Nunca mais fazemos o Godot, isso é certo. Foi a terceira e última vez.

ATOR 2

Nunca mais esperamos?

ATOR 1

Ficamos à espera para sempre. Uma vez à espera de Godot, sempre à espera do Godot.

ATOR 2

E o Sr. Beckett?

ATOR 1

Vocês já estão na altura de fazerem as vossas próprias asneiras. (Pausa.) Banco. (ATOR 1 traz o banco.) Mais perto. Cesto. Cesto. Vou dar uma entrevista a um jornal daqui antes de embarcarmos. Há mais de vinte anos que não falo para os jornais, mas agora não me calo. Estou farto de ser pontado por tudo e por todos! Ajudas-me aqui a ensaiar a entrevista, Pinto? O que mais me impressionou não foram os militares na caserna a aplaudir o Godot. Foi o rapaz que nos ajudava com a árvore. Foi falar com o Lucky no fim do ensaio. Diz que nunca tinha visto um branco ser tratado desta maneira. Desatou a chorar quando viu a cena do Lucky. E o que mais me incomodou foi não saber o que dizer. Às vezes é preciso estar cercado por todos os lados para se ter uma ideia do que é preciso fazer. Mesmo quando não se pode fazer nada. (Pausa.)

**17 BASE RÁDIO 3' 15"**

(ATOR 3 e ATOR 2 montam uma espiral de cobre de uma ponta a outra da sala, tentando sintonizar a onda curta num velho rádio.)

ATOR 4

(para ATOR 1, após ler)

Depois de "esta grande confusão reinante, penso que não passará de um caso de época. Se não fosse assim, eu hoje não era considerado ultrapassado..." diga antes...

ATOR 1

(pontado por ATOR 4)

"Aceito que falem de mim nesses termos. Não me zango... desde que me deixam em paz! Tem direito ao descontentamento aquele que esteve toda a vida a lutar."

ATOR 2

Posso fixar?

ATOR 3

Nada... Mais para o lado... Para o outro... (Na rádio ouve-se um fado antigo.)

## **CD 2 - 1 FADO HILÁRIO**

Aí está!

Isto é a Emissora Nacional. Mais à esquerda.

ATOR 4

Aqui... em "A piorar tudo isto situa-se o nosso nível de vida" tire o "miserável", e o ponto de exclamação, e diga antes...

ATOR 1

(pontado por ATOR 4)

"Tão baixo que é difícil prever quando subirá, para pelo menos as classes médias poderem frequentar o teatro."

ATOR 4

Com reticências.

ATOR 2

Posso fixar?

ATOR 3

Cuidado, não pregues aí, aí passam os fios elétricos.  
(Na rádio ouve-se uma balada de protesto.) **CD 2 - 2 ADRIANO CORREIA**

É a rádio Voz da Liberdade. Mais à esquerda.

ATOR 4

Aqui... "Quando apresentei À Espera de Godot..."

ATOR 1

(pontado por ATOR 4)

"Cada qual compreendeu a peça conforme a sua sensibilidade..."

ATOR 2

Posso fixar?

ATOR 3

Cuidado, aí não, aí passam os canos da água. Mais à esquerda.

ATOR 1

Estreei-me fora de qualquer influência romântica. Estava já com os modernos. Os anos 20, em pleno Futurismo. Marinetti, Pessoa, Santa Rita, Almada, marcaram-me definitivamente. Sinto-me orgulhoso de ter pertencido a esse tempo, ao contacto íntimo com seres que — eles sim! — impuseram uma limpa modernidade, alheia às confusões que são hoje paradigma. Mas... não me obrigue a falar! Há vinte anos que não falo para os jornais!

ATOR 4

Só não deixe que duvidem de uma coisa: o respeito por si próprio.

**CD 2 - 3 A INTERNACIONAL** (Na rádio ouve-se a Internacional.)

ATOR 3

Aí.

ATOR 2

Tens a certeza?

ATOR 3

Do outro lado é a adega, só com muito azar é que não acertas numa pipa de vinho.

(O cano rebenta e jorra vinho.)

ATOR 3

É água.

ATOR 2

Qual água, é palhete!

**CD 2 - 4 CAMISA AMARELA** (ATOR 1 e  
ATOR 4 correm para a fonte de  
vinho e fazem fila para beber.  
ATOR 2 enche os copos e faz um  
brinde.)

ATOR 2

Este é por 1959, este é por 1969, este é por 1973.  
Notícias da primeira e última hora!

ATOR 4

Rádio Moscovo, transmitindo em português para todo o  
mundo.

ATOR 1

Revolta estudantil em Coimbra.

ATOR 3

(após uma pausa)

O que é que eu digo?...

ATOR 2

Os cavalos caíram na escadaria!

ATOR 1

Fecharam a Faculdade de Letras!

ATOR 3

(após uma pausa)

O que é que eu digo?

ATOR 4

Mataram - o estudante Ribeiro dos Santos.

ATOR 1

O pintor José Dias Coelho.

ATOR 2

Amílcar Cabral.

ATOR 3

Mataram o meu irmão. (Pausa.) Eu não tenho história  
política na família, e às vezes ponho-me a pensar no  
que fiz para estar aqui. O meu avô não foi anarquista  
na margem sul, nem o meu pai militante clandestino do



PC, a minha avó não nasceu numa família brasonada do Alto Minho, nem a minha mãe numa herdade no Alentejo. Não tenho pedigree de luta de classes. Já sei que para dar um passo, é preciso pensar na responsabilidade, ponderar bem, quais são os efeitos de dar e não dar um passo, e depois, de preferência, não fazer nada. Mas eu não preciso de abrir o saco, para saber o que está lá dentro. Não gosto desse espetáculo chamada império que temos de aguentar todas as noites, todos os dias, a toda a hora, no teatro, na rádio, no cinema, na TV. Parece que estou dentro do sonho de outra pessoa, de outras pessoas. E nunca sei o que é para dizer... E eu quero sair. Quero fazer parte de uma coisa que apareça na TV, mas que seja em direto, nas ruas. Se houver uma revolução, não precisará de um contrarregra? Se for preciso passar uma música à hora certa, como fizeram no Chile, ou na Argentina, ou na Grécia, não sei, um dos dois, quem é que garante que está lá o disco? Esse há de ser o melhor espetáculo da minha vida. À hora certa, a música certa.

## **CD 2 - 5 CALLAS**

ATOR 2

Devíamos começar agora, devíamos pelo menos desviar este navio, como os outros fizeram, e quando chegássemos ao cais...

ATOR 3

Contar outra história. Dar outras notícias.

ATOR 4

Tu queres fazer um texto novo?

ATOR 3

Sim, mas ao vivo. Quero ir para a TV, mas não para as Conversas em Família.

ATOR 4

Precisa de ponto?

ATOR 3

Precisa de um ponto que não deixe os atores fazerem sempre a mesma coisa. Um ponto que torne o espetáculo diferente e novo todos os dias, para que o tempo não se repita, avance, para vermos que o tempo existe, que o amanhã não é hoje, é amanhã.

ATOR 1

Uma história nova, uma peça nova, um teatro novo...  
Não foi isso que fizemos em 59, em 69 e em 73?

ATOR 3

Com as peças que fizemos, queria mesmo acabar a  
guerra?

ATOR 1

Podia ter levado só as outras, porque é que também  
levei esta?

ATOR 3

Vamos?

ATOR 1

Vamos.

ATOR 2

Diz que vais?

ATOR 4

Diz que vou.

ATOR 2

Diz que vamos?

ATOR 1

Diz que vamos.

ATOR 2

Embora.

ATOR 4

Amanhã.

ATOR 1

Vamos.

ATOR 2

Ponto?

ATOR 4

Pronto.

(Dirigem-se para a caixa de ponto.  
Escuro.)

**FIM**

**18 AGRADECIMENTOS TEODORO**